

“De Que Que Nós Vamos Brincar?”

Formas de sociabilidade presentes nas brincadeiras de rua praticadas na rua

Manoel Ângelo de Andrade - Bairro Campos de São José

São Jose dos Campos - SP

Autora - Mirian Cristina de Souza Cunha Orientador – Profº Drº Carlos Rodrigues Brandão

UNIVAP - Coordenadoria de Educação Continuada CEPLADE - Bloco 8 - Campus Urbanova - Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova São José dos Campos - SP - CEP 12.244-000 - latosensu@univap.br

Resumo - Este artigo destina-se ao estudo de brincadeiras de rua praticadas no bairro Campos de São José, localizado em São José dos Campos - SP, tendo como objeto principal as brincadeiras muitas vezes criadas, modificadas e realizadas pelos moradores da Rua Manoel Ângelo de Andrade.

O objetivo deste estudo é identificar as formas de socialização presentes nas brincadeiras de rua praticadas neste local, ou seja, usos e costumes partilhados, transmitidos e adquiridos através delas, assim como documentar as brincadeiras existentes, seus nomes e regras. Um outro objetivo é tentar compreender como brinquedos e brincadeiras tradicionais e incorporadas já ao que poderíamos chamar de uma *cultura local popular*, mesclam-se com novas formas de criar brinquedos e brincadeiras, dentro de um processo da dinâmica das culturas.

Palavras-chave: brincadeiras, rua, sociabilidade, competição, colaboração

Área do Conhecimento: Antropologia

Introdução

As brincadeiras de rua presentes nas cidades brasileiras são encontradas nos pequenos centros urbanos, assim como nos bairros periféricos das grandes cidades. Caracterizam-se por serem atividades lúdicas que, normalmente, precisam de muito espaço para serem desenvolvidas, como por exemplo: o futebol de rua, o jogo de queimada, bandeirinha, taco, mãe-da-rua, piques e outras, o que torna inviável serem praticadas dentro de casa, em pequenos quintais, ou em ruas de grande movimentação de veículos.

O objetivo primeiro das brincadeiras de rua é a diversão; porém, paralelo a ele manifestam-se e desenvolvem-se diversos princípios e valores de sociabilidade, como a convivência harmoniosa, a partilha de espaços, a solidariedade, a formação de lideranças, as disputas, o aprendizado da solução de conflitos, noções de direitos e deveres, e outros, que funcionam em dois sentidos, sendo uma estratégia da sociedade e, ao mesmo tempo, uma iniciativa das próprias crianças como meio de socialização endógena destinada ao aprendizado

de como proceder na vida social em diferentes situações e entre diferentes atores.

As Brincadeiras de Rua constituem uma manifestação cultural presente no cotidiano da comunidade, objeto desta pesquisa, possuindo uma utilidade sócio-cultural que integra seus moradores, incentivando-os à partilha de interações em contexto de recreações, conhecimentos, afeto e convivência solidária, o que justifica sua escolha como tema deste estudo. Através dele busca-se um conhecimento maior sobre a importância de sua prática para o contexto social desta comunidade, podendo o mesmo servir de base ou exemplo para a análise de outros grupos sociais, no sentido de proporcionar respostas a problemas propostos ou ampliar as formulações teóricas e exemplos empíricos a esse respeito.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a Pesquisa de Campo, o *instrumento de coleta de dados* foi a observação participante utilizando o caderno de campo como técnica de registro de dados e

também equipamento fotográfico e videográfico. A observação teve como base um questionário de apoio, respondido pela própria pesquisadora, no decorrer das observações, contando com o auxílio dos participantes das brincadeiras para obtenção e esclarecimento de informações. A análise foi feita de forma escrita, através da descrição densa das informações obtidas no campo, ou seja, dados obtidos na rua Manoel Ângelo de Andrade, em diálogo com bibliografia pertinente ao tema da pesquisa.

Segundo Malinowski a finalidade da pesquisa de campo é descrever a constituição social de maneira clara e nítida, distinguindo as leis e as regularidades de todos os fenômenos culturais. (Braga, Antonio – pág.6, 2010)

Toda a pesquisa foi feita com prévio conhecimento e autorização dos pais ou responsáveis pelos menores participantes dela. Nenhum deles passou por qualquer constrangimento ético ou social; as observações e entrevistas tiveram como único foco, atividades sócio-culturais ligadas às brincadeiras de rua que puderam ser utilizadas para análise científica.

Resultados

O bairro Campos de São José, localizado na região Leste da cidade de São José dos Campos, onde se situa a rua Manoel Ângelo de Andrade, formou-se há 25 anos, onde antes havia propriedades rurais. Sua área foi urbanizada e comercializada por uma construtora local, dividida em pequenos lotes, os quais, em sua maioria, foram vendidos para duas famílias diferentes, ou seja, cada uma comprou meio lote. O tamanho dos terrenos e sua distância em relação ao centro da cidade tornou seus preços acessíveis à pessoas de baixa renda, dando à população do bairro um perfil sócio-econômico específico, formado principalmente por trabalhadores assalariados dos setores de prestação de serviços, onde as mulheres, em sua maioria, empregadas domésticas, babás, enfermeiras, costureiras, cabeleireiras, faxineiras, balconistas, comerciárias em geral, e os homens, na maioria, pedreiros, empregados de empreiteiras, vigilantes, serventes de pedreiro, cabeleireiros, pintores, zeladores de prédios, jardineiros e comerciários. Sendo esses homens e mulheres, em grande parte, migrantes de diversos estados do país, o que faz do bairro uma “colcha de retalhos” de sotaques e costumes, destacando-se os nordestinos e mineiros. O pequeno espaço existente nos quintais das casas de meio-lote e a baixa movimentação de veículos nas ruas

incentiva a utilização desse espaço como local de sociabilidades. Esse é o caso da rua Manoel Ângelo de Andrade, onde crianças e adultos se reúnem e partilham experiências em seu espaço comum. Seus moradores, oriundos de diversas partes do país, se unem por meio de seus filhos, já nascidos no bairro, a sociabilidade entre as crianças que brincam na rua, estudam juntas, etc. faz com que seus pais também se relacionem. As crianças brincam na rua, principalmente, nos finais de semana, férias e feriados. Sua presença varia também com o clima e temperatura, em dias de chuva ninguém sai e nos de frio são poucos os que se atrevem. Há horários estabelecidos pelos pais, na véspera de dias de semana as brincadeiras vão no máximo até às 21h30, por causa do horário das crianças levantarem e também de seus pais irem para o serviço. Há na rua dois grupos bem divididos, mas que algumas vezes se inter-relacionam, um composto por crianças de 4 a 10 anos e outro de adolescentes de 11 a 16 anos. No grupo das crianças há sempre a presença da mãe de um deles na calçada, que permanece atenta a qualquer perigo, principalmente quanto a presença de carros ou de pessoas estranhas, observando tanto o seu filho, quanto as outras crianças, as mães das outras crianças têm conhecimento de sua presença, por isso ficam tranquilas em deixar seus filhos brincando na rua. Neste grupo há os chamados cafés-com-leite, que são os aprendizes, integrantes que ainda são novos ou inexperientes para determinadas brincadeiras, mas que são aceitos nelas, respeitados, ensinados e até protegidos pelo grupo; sua participação como aprendiz permite que se integre às regras das brincadeiras e às normas de conduta do grupo, até que esteja pronto para brincar para valer. No grupo dos adolescentes se dá, algumas vezes, também a presença de adultos, e estes costumam participar de algumas brincadeiras, como jogo de vôlei, futebol de rua e outros, oportunidades em que os laços familiares e de vizinhança são reafirmados, através de cuidados e ensinamentos. Muitas vezes os adultos ficam nas calçadas conversando, jogando dominó ou baralho, ou simplesmente assistindo a brincadeira de seus filhos e vizinhos. Todos esses são momentos de trocas sociais, transmissão de conhecimentos, notícias, partilha de diversões, desabafos, fofocas, colaborações e informações em geral. Em algumas ocasiões as crianças de 10 e 11 anos participam das brincadeiras do grupo mais velho e há outras em que os de 12, 13, ou 14 anos, participam do grupo mais novo, caracterizando um período misto, de passagem, onde o indivíduo ora se identifica com os comportamentos infantis, ora com os adolescentes. Muitas vezes as brincadeiras escolhidas necessitam de um número maior de

integrantes, esse é o caso do jogo de queimada, pique-bandeirinha e passa poste, nessas ocasiões os dois grupos se convidam, se juntam e brincam juntos.

Para fins de estudo se fez uma divisão das brincadeiras em categorias. De acordo com suas características de execução elas foram classificadas em: competitivas, cooperativas, ou mistas.

- **Brincadeiras competitivas**, onde há competição entre grupos: queimada, bandeirinha, futebol de rua; entre dois indivíduos, como o taco; entre um indivíduo e o grupo; ou onde há competição entre todos os participantes do mesmo grupo;
- **Brincadeiras cooperativas** - onde todos têm o mesmo objetivo e não há disputa entre os integrantes, ou seja, todos são beneficiados pelo seu bom desempenho e o do seu companheiro; o sucesso da brincadeira depende do esforço de todos e de cada um. É o caso, por exemplo, do “vôlei de rua”, quando jogado em círculo. Nesta modalidade a beleza da brincadeira está em todos colaborarem para a bola se manter o máximo de tempo em jogo, ou seja, sem cair no chão. Os jogadores se posicionam em círculo, um joga a bola para o outro com movimentos de mão utilizados no jogo de vôlei, como toques, manchetes e saques. Todos se esforçam, se esticam, quase caem, correm, ou seja, fazem todo o possível para vencerem o desafio comum de manter a bola em jogo. É também o caso da brincadeira de “escolinha”, onde as crianças reproduzem o ambiente da escola, no espaço da rua, dando significados diversos às calçadas e à própria rua, “transformando-as” de forma lúdica no espaço escolar. O fato de readaptar espaços dando a eles uma leitura lúdica com base em comportamentos característicos de adultos é uma característica das brincadeiras infantis. É uma forma de interpretar e aprenderem a se movimentar no universo adulto. A todo tempo as crianças reinventam brincadeiras, formas de utilizar os brinquedos e regras de conduta. Mesmo quando há cooperação, sem o objetivo de ganhar ou perder, o cumprimento às regras estabelecidas é cobrado de todos os integrantes do grupo. Foi o caso, por exemplo, de uma brincadeira que observei um dos dias: Um dos meninos, que tem 6 anos, pegou seu

carrinho, daquele tipo que a criança entra e pedala para que se movimente e levou para a rua. Em torno deste carrinho foi montada a brincadeira, todos os presentes na rua podiam participar, desde que respeitassem as regras estabelecidas. A regra era a seguinte: o carrinho era colocado no lado alto da ladeira e cada um tinha sua vez de descer nele, e era apenas uma descida de cada vez, em alta velocidade; chegando lá embaixo, todos os outros colegas desciam correndo e ajudavam aquele que havia descido a voltar, ladeira acima, sendo empurrado pelos demais, pois sem ajuda não haveria condições do mesmo fazer o trajeto da subida, ao menos que carregasse o carrinho, sem estar dentro dele. Tudo ia muito bem, até que o dono do carrinho resolveu descer duas vezes. Alguns integrantes concordaram, dizendo que ele tinha direito por ser o dono do carrinho, mas outros discordaram dizendo que ele havia concordado com a regra, por isso deveria cumprí-la igual a todos os outros. No fim da discussão foi estabelecido que o dono do carrinho cumpriria a mesma regra dos outros. Outra situação de “conflito” foi criada quando um outro menino, inclusive visitante de uma das famílias da rua, já integrado ao grupo, resolveu descer duas vezes. Na primeira todos foram ajudá-lo a voltar com o carrinho, mas na segunda eles simplesmente ignoraram sua descida, reclamaram que não valia e não foram lá embaixo ajudá-lo a voltar. Ele precisou carregar sozinho o carrinho ladeira acima, essa foi a sanção que sofreu por desrespeitar a regra da brincadeira. A partir daí ele voltou a cumprir a regra.

...Deixadas a si mesmas, quando pequenas e relativamente livres ainda do controle dos adultos sobre os seus momentos de lazer, as crianças criam brincadeiras cooperativas. Elas gostam de re-inventar as “coisas do mundo” para criarem casinhas, fazendinhas, clubinhos, ou o que seja. E inventam brincadeiras em que todos partilham da experiência construtiva (e talvez até construtivista) de inventarem alguma coisa juntos para se divertirem com o que vivem e criam, sem necessariamente competirem. (Brandão, Carlos Rodrigues)

Há também situações de cooperação lúdica onde a brincadeira é uma forma de afirmação de identidade num âmbito maior, como o caso do enfeite da rua para a copa do mundo de

2010, onde as crianças se organizaram, compraram plásticos coloridos, verdes e amarelos, recortaram fitas e, juntas, amarraram as mesmas em barbantes, os quais foram utilizados para enfeitar a rua, contando com a ajuda de suas mães para amarrarem o barbante em locais mais altos do poste.

Este fato pode ser analisado como uma forma de afirmação e reconhecimento de pertencimento a um grupo maior que sua rua, que seu bairro e sua cidade, o pertencimento a uma nação, onde seus integrantes são portadores de traços sócio-culturais semelhantes e por isto pode ser enxergada e entendida como um grupo, e, que este grupo se integra e pertence a um outro ainda maior, chamado mundo. O time de futebol passa a representar a nação inteira diante do mundo. A vitória ou derrota do time, também é sua.

- **Brincadeiras mistas: competitivas e cooperativas** - Um bom exemplo é o pique-ajuda ou pique-cola três vezes. Neste pique o pegador corre atrás de todos e quem é pego precisa ficar parado, esperando o auxílio do grupo, que poderá lhe ajudar duas vezes, mas na terceira vez que for pego o pique estará com ele, ou seja, ele será ajudado duas vezes por seus companheiros, mas na terceira terá que responder por si próprio e sofrer as conseqüências de não ter corrido ou se esquivado o suficiente, pegando no pique.

Discussão

Boa parte da socialização de crianças, adolescentes, e algumas vezes também dos adultos, acontece em situações como as das brincadeiras autônomas de rua. Ali eles vivem boa parte de seu tempo livre, criando e recriando experiências de convivência, entre a cooperação e a competição, cujo valor como aprendizado de princípios de moralidade e de sociabilidade é inerente.

...A brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade: as coisas aí tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pela circunstância. Os objetos, no caso, podem ser diferentes daquilo que aparentam. Entretanto, os comportamentos são idênticos aos da vida cotidiana. (Brougère, Gilles. 2008, pág 100)

Conclusão

A partir das informações aqui apresentadas, concluímos que as brincadeiras de rua podem ser utilizadas como parâmetro para

análise do comportamento cotidiano de um grupo, explicando e exemplificando suas maneiras de ser, pensar e agir social e culturalmente. Segundo Gilles Brougère

“...A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para adaptar-se às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. (Brougère, Gilles. 2008, pág 97 e 98)

Na análise das brincadeiras de rua procuramos compreender o acontecer de manifestações referentes a esta imersão da criança na sociedade, através da análise de um dos ambientes que ela integra, ou seja, o espaço de convívio comum que é sua rua, partindo dos elementos que ela oferece, como: espaço, convivência, aprendizagem, costumes e regras.

As brincadeiras de rua enquadram-se no conceito de *fenômeno social total*, criado por Marcel Mauss, o qual consiste na integração dos diferentes aspectos (biológico, econômico, jurídico, histórico, religioso, estético, etc...) constitutivos de uma dada realidade social que convém apreender em sua integralidade. (Laplantine, François, 2007, pág.90)

...Brincando e jogando, a criança estabelece vínculos sociais, ajustando-se ao grupo, e aceita a participação de outras crianças com os mesmos direitos. Obedece às regras traçadas pelo grupo, como também propõe suas modificações. Aprende a ganhar, e também a perder. (Lannes Bernardes, Elizabeth, p.5)

...Nesses grupos infantis, formados com finalidades lúdicas, a criança adquire espírito de solidariedade e disciplina, experimenta com seus pares diversas funções, obedece e elabora regras traçadas pelo próprio grupo, formando as primeiras amizades, construindo suas relações sócias. (Lannes Bernardes, Elizabeth, p.7)

Referências

- ALMEIDA, Renato. A Inteligência do Folclore. Rio de Janeiro: Ed. América na INL, 1974
- ALVES, Álvaro M.P. e GNOATO, Gilberto. O Brincar e a Cultura: Jogos e brincadeiras na cidade de Morretes na década de 1960. Psicologia em Estudo, Maringá, v.8, n.1, p 111-117, jan/jun.2003
- BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação, 2 ed., S. Paulo: Summus, 1984.
- BERNARDES, Elizabeth Lannes. OS Jogos, As Brincadeiras e as Crianças, acessado em 15/06/2010
http://www.alb.com.br/anais16/sem13pdf/sm13ss14_05.pdf
- BRAGA, Antonio. Metodologia de Pesquisa II – Apostila; 2010
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Jogar para Competir e Jogar para Compartilhar - da competição contra o outro à cooperação com o outro. Artigo
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Folclore? 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006
- BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. 7ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2008
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. v.01. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1995
- GEERTZ, Cliford. A Interpretação das Culturas; 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: O Jogo como Elemento da Cultura; São Paulo: Perspectiva, 2008
- LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia; São Paulo: Brasiliense, 2007
- MARTINS, Clerton, organizador. Da Memória ao Sentido do Lugar. São Paulo: Roca, 2006
- MELLO, Thiago de. Estatutos do Homem; 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980
- Entrevista com Gilles Brougère sobre o aprendizado do brincar. Revista Nova Escola [Edição 230](#) Março 2010.
- Benjamin Pensa a Educação - A Educação Contra a Barbárie. Revista Educação. São Paulo: Editora Segmento. n.7, mar.2008. Especial: Biblioteca do Professor.